

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ANUNCIATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

A SENHORA DA FRANQUEIRA

Nossa Senhora da Franqueira,
Sêde a Nossa Companhia!
Sois a Nossa Padroeira,
Sêde sempre a Nossa Guia!

Estrela de Salvação
N'este mar encapelado;
Dai-nos sempee a Vossa Mão,
Andai sempre a nosso lado.

N'essa linda capelinha
Onde sorris, O' Maria
Temos nós o coração
A fazer-Vos compenhia!

Lá no alto da Montanha,
N'esse altar d'amor e luz,
Estamos perto de Vós,
Mais pertinho de Jesus,

O' Virgem Santa Maria,
Refúgio dos pecadores;
Dai-nos paz e alegria
No meio das Nossas dores;

Confortai Mãi Carinhosa,
Com a graça do Senhor
Esta vida trabalhosa
Dos filhos do Vosso amor!

Protegei com Vosso Manto,
O' Senhora da Franqueira
Este povo que se ufana
Em vos ter por Padroeira!



Nossa Senhora da Franqueira

Projeto de reconstrução do antigo Paço dos Condes de Barcelos

(Publicação feita n'0 Comércio de Barcelos de 30 de dezembro de 1900)

Como é sabido; no plano de melhoramentos que a digna e zelosa vereação actual se propoz realizar, entra o aproveitamento das valiosas ruínas do velho solar dos Condes de Barcelos, que aí demoram a cavaleiro do Cávado, como silhueta grave de um passado austero em imprecação constante ao de amor da tradição, ao desmazel e incúia dos novos pelo que deviam presar como timbre de grandesa, padrão heraldico da sua existência do povo antiquissimo.

O nosso país tem, em geral enfermado d'êste desleixo criminoso, dêste mal do abandono, muitas vezes agitado pela nevrose de um falso progresso ou civilização mal inada, que vai derruindo, n'um vandalismo iconoclasta, os atestados architectoriais ou estatuarios, dos feitos nobres, ações heroicas, de tudo, enfim, que constitua as páginas de pedra da gloriosa história portugueza.

Já Alexandre Herculano consignára, com magua e asco, em belos periodos do mais acendrado patriotismo, na linguagem tersa de mestre pujantissimo, este triste modo de ser d'uma posteridade irreflectida e pesapiedada que deixava ou ia acabando com quasi tudo que prefigurava, no espaço e no tempo, a grandesa epica, o valor civico, a acção moral e social d'uma nacionalidade que firma no seu passado a razão grandiosa da sua existência autonoma.

O respeito pelo passado deve ser um preceito e tornar-se em culto, quando êsse passado enche de orgulho e desvanêca de gloria legitima aqueles a quem coube a conservação do seu lustre.

A historia dos povos não deve simplesmente recolher-se nos arquivos literários, deve poder-se contemplar, tambem, nas linhas altaneiras dos monumentos plásticos.

Sejam, embora, estes menos persuasivos que o livro, são mais prontos na lembrança que avivam do feito que memoram, da causa que lhes deu origem.

São mais acessiveis, porque estão á luz do sol; são mais populares, porque são de todos e o seu ensinamento a todos aproveita, sem outro trabalho mais que fita-los e pondera-los.

Assim, pois, a conservação dos monumentos e a sua reparação ou restauração, quando em descalabro, é um dever, mas dever que tem sido muito prostergado, como, de fugida, havemos preferido.

Ainda bem que a nossa Câmara se afasta do mau sestro do abandono ou demolição iconoclasta e com critério superior, patriotismo estreme e illustração e circunspeção inteligente, vai restituir á nossa terra um dos seus monumentos mais antigos e de maior vulto — o antigo Paço dos Condes de Barcelos — nas linhas coevas da sua pristina construção.

Do trabalho architectonico foi encarregado o competentissimo professor da Escola Industrial de Leiria, Sr. Ernesto Korrodi, o qual vindo aqui, ha poucas semanas, já no dia 24 enviava ao digno vice presidente da Câmara e nosso illustre amigo, Sr. Dr. António Ferraz, a perspectiva geral do projecto, que constitue um formoso e bem acabado desenho, onde se prevê claramente a beleza do edificio que vai resurgir em nossos dias, com adaptação proveitosa — museu e biblioteca municipal — esplendoroso e severo como nos vetustos tempos em que se erguera solarengo.

Poucos traços iconograficos poderemos aqui incluir, porque o espaço nos vai escaceando, e mesmo o leitor pouco locratia, pela deficiência do nosso mérito.

Ainda assim algo diremos, aconselhando todavia, o exame da famosa perspectiva.

(Continua na 4.ª pagina.)



O Evangelho

Como a multidão continuasse a seguir Jesus, sem ter que comer, o Salvador chamou os discípulos e disse-lhes: «Tenho compaixão deste povo, porque há já três dias que anda sempre comigo e não tem que comer; se os despedir em jejum para suas casas, virão a desfalecer no caminho, porque alguns vieram de longe.» Os discípulos responderam-lhe: «Donde poderá alguém fartá-los de pão aqui neste deserto?» Jesus perguntou-lhes: «Quantos pães tendes?» Responderam: «Sete». Jesus mandou então à gente que se recostasse sobre a terra; e tomando os sete pães, deu graças, partiu-os, e deu-os aos discípulos para que os distribuissem à multidão, o que eles fizeram. Tinham também alguns peixes; Jesus abençoou-os e mandou-os distribuir. Todos comeram e ficaram saciados; dos pedaços que sobejaram levantaram sete cestos; comeram perto de quatro mil pessoas, que depois Jesus despediu.

O Evangelho e a questão social

Como poderá alguém fartar de pão este povo, aqui, neste deserto?

É uma grande verdade, cristãos, que no Evangelho, ou seja na doutrina de Jesus Cristo, achamos a solução de todas as dificuldades morais e o remédio para todos os males sociais, embora não o queiram ver assim os incrédulos e os ímpios. Como prova do que afirmamos, encontramos no Evangelho de hoje resolvida a questão chamada social, e que tanto preocupa os governantes e economistas modernos.

Estava Jesus rodeado por uma grande multidão, suspensa da sua palavra; e vendendo-se num lugar solitário, e sem ter que comer, disse aos Apóstolos: *Tenho compaixão deste povo, porque já há três dias que anda comigo e não tem que comer.* Responderam-lhe eles: *Como poderá alguém procurar-lhes pão em abundância neste deserto?*

Esta pergunta fazem-na hoje todos os que se preocupam com a questão das subsistências e com a múltipla questão social; só se encontra solução para ela na doutrina de Jesus Cristo. Vamos mostra-lo resumidamente, afirmando que devemos procurar o remédio de nossos males sociais, não nas máximas do mundo, mas nas lições do Evangelho.

Segundo referem os Evangelistas, foram duas as vezes que Jesus remediou a necessidade do povo que o seguia, realizando o grande milagre da multiplicação dos pães, uma vez, foi no fim do segundo ano da sua vida pública, alimentando cinco mil homens com cinco pães e dois peixes; e outra, dois meses depois, começado já o terceiro ano, dando de comer a quatro mil homens com sete pães e alguns pedaços de pão; ambas nas proximidades do mar da Galileia ou de Tiberíades. É deste segundo milagre que nos fala o Evangelho de hoje; mas sendo muito semelhante o assunto dos dois, e dominando em ambos o mesmo espírito, aproveitaremos para a nossa homilia os dados dum e de outro.

I. — Ao propor Jesus Cristo a seus Apóstolos o problema de alimentar a multidão esfomeada, houve para ela tres soluções, semelhantes às de nossos dias para a questão social, e sem resolver o problema.

1. — Solução quimérica.

A primeira é uma solução utópica e descabelada. Disse Filipe: *Duzentos dinheiros de pão mal chegam para cada pessoa comêr um bocado.* (Joan., VI, 7). Mas não pensava na série de dificuldades ou de impossíveis para

pôr o projecto em prática. Porque, onde ir buscar o dinheiro? e onde comprar o pão, se estavam num deserto? E que remédio era comêr só um pouco de pão?

Assim são os planos de muita gente quando se trata de solucionar os problemas sociais, e até os da própria casa: «Se tivesses isto, se conseguisses aquilo, se herdasses uma fortuna...» É tudo sonhar acordado, longe da realidade; e nada afinal se resolve...

2. — Solução egoísta.

Dirão outros: *Essa gente que vá pelas aldeias e compre de comer* (Mat., XIV, 15).

Solução cômoda, mas egoísta, e que pouco tem de caridosa, pois equivale a «sacudir a água do capôte». Há hoje muitas assim, quando se procura remediar os males públicos, e ainda os domésticos; não querem saber de nada, nem fazer coisa alguma, mas atira-se o peso para os ombros dos outros; os pobres que se arranjam como puderem.

Foi isto mesmo que o Apóstolo S. Tiago reprovou graciosa e enérgicamente, quando expôs este sistema que seguem muitos: *Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos; porém, se não lhes derdes as coisas necessárias ao corpo, de que lhes aproveitará?* (Jac., II, 16). Jesus Cristo ensinou coisa muito diversa: *Não tem necessidade de ir; dai-lhes vós de comer* (Mat., XIV, 16).

3. — Solução mesquinha.

Por fim, diz André: *Está aqui um moço que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?* (Joan., VI, 9). Por melhor vontade que haja, o homem não pôde acudir a tudo, e os remédios de sua mão são sempre mesquinhos.

Quere o Senhor que pela experiência reconhecemos a nossa debilidade e insuficiência, e é então que ele acode a remediá-la. E por muito que os governantes projectem suprimir a mendicidade e socorrer oficialmente os necessitados, nunca se poderão apagar do Evangelho aquelas palavras infalíveis do Senhor: *Sempre tereis pobres convosco* (Mat., XVI, 11). Só a verdadeira caridade, que se apoia em Deus, acudirá com remédio eficaz a estas necessidades.

II. — Aos planos humanos, que os Apóstolos propunham, substituiu Jesus Cristo o seu plano divino, e com ele alimentou fartamente a multidão, ficando todos satisfeitos e agradecidos. Os economistas modernos não contam senão com os meios humanos para solucionar o conflito; pois é necessário que se lhes ajuntem os divinos, visto aqueles serem insuficientes. O plano de Nosso Senhor Jesus Cristo reduz-se a três pontos.

1. — Utilizar o existente.

Deixando-se de teorias irrealizáveis, aproveitou os meios naturais de que podia dispor: os cinco ou sete pães e os dois peixes. Quere que façamos da nossa parte todo o possível, como aconteceu na ressurreição de Lazaro, mandando tirar a louça e depois as ligaduras da mortalha, embora tudo pudesse fazer por milagre. E assim em outras ocasiões, porque lá diz o adágio: «Trabalha, e Deus te ajudará.»

2. — Orar e esperar.

Levantou os olhos ao céu, abençoou o pão e deu graças ao Pai celestial pelo benefício. Temos que esperar tudo da divina Providência e merecer que esta actue benéfica sobre nós, porque diz o mesmo Senhor: *Procurai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais se vos dará por acréscimo* (Mat., VI, 33). Quantos há que não se lembram desta doutrina, nem rezam, nem dão graças antes nem depois das refeições!

3. — Economisar.

Mandou que todos se assentassem em grupos de cinquenta pessoas, e no fim da refeição que juntassem os bocados que sobejaram, enchendo-se assim doze cestos uma vez, e sete aleofas outra. A ordem e a economia nas famílias fá-las prosperar em tudo; e o des-

perdício e excessos, quando há abundância empobrece e arruina.

Cristãos: Aprendamos esta proveitíssima doutrina, de que tanto carece hoje o mundo. Ponhamos de parte planos quiméricos e impossíveis, soluções egoístas, planos mesquinhos.

Acorramos a Jesus Cristo, inspirêmo-nos em suas doutrinas, que são as da Igreja Católica, única e verdadeira, e em sua virtude aproveitemos o que nos dá a Providência, esperemos nela, mereçamos os seus favores com a nossa boa conduta, estabeleçamos a ordem e a economia; por estes meios, a paz e a prosperidade reinarão em nossas casas, e depois reinaremos no céu: *Trabalhai, não tanto para obter o pão que se consome, mas o que perdura até à vida eterna* (Joan., VI, 27).

Batismo dum chefe Indigena na Africa Occidental

O chefe paramount Kangayu, de Banya (Terra Leôa), acaba de ser baptisado no seu leito de morte, e este acontecimento é tanto mais digno de prender a atenção porquanto nesta região da Africa é, por assim dizer, impossivel chegar junto dum chefe durante a sua doença.

Com efeito, o costume exige que se sequestre cuidadosamente um chefe enfermo, e, quando a morte se aprepria, apenas tres ou quatro pessoas tem acesso junto d'ele.

Um tiro de espingarda anunciará a morte, mas quando já os funerais se tiverem realisado, geralmente ao cair da noite, ou de madrugada; isto será o sinal do inicio das cerimónias rituais, tam-tams, canções e danças durante muitos dias.

Havia meses que o chefe Kangayu sofria dum envenenamento do sangue. Quando o seu estado se agravou, aquêles que o cercavam procuravam a principio occultá-lo, mas um médico que ali se encontrava de passagem, deu ordem que o transportassem ao hospital de Mryamba. Avisado por um católico, um missionário do Espirito Santo apresentou-se no hospital, encontrou Kangayu num estado desesperado, e explicou-lhe o motivo da sua visita; o chefe moribundo ouviu com a maior atenção as palavras do sacerdote, arrependeu-se de ter levado uma vida que estava longe de ser irrepreensivel, recebeu o baptismo, e soltou o derradeiro suspiro apertando contra o peito um crucifixo.

Praticamente, todos os chefes do paiz estão nas melhores relações com os missionários católicos, e sentem-se muito felizes vendo-os instalar-se no seu território, mas não querem abandonar os seus costumes indigenas nem impôr-se aos sacrificios que a religião lhes exige; por isso é relativamente diminuto o numero dos chefes católicos.

Por não saber geografia

Em Brighton (Inglaterra) foi multada, não há muito, uma vendedeira de frutas que trazia numa cesta de autênticas maçãs da Califórnia o rótulo:

«Produtos do Império britânico».

A mulherzinha pagou a multa sem protestar, envergonhada da sua ignorância. Mas um jornal de Londres disse que bem podia ela alegar como exemplo e desculpa o proceder dum ministro dos estrangeiros inglês que, quando morreu a rainha Vitória, respondeu a um telegrama de pêsames do Estado Americano de Kansas, agradecendo a «nova prova de fidelidade que dava à mãe pátria por motivo de falecimento da sua soberana».

VARIEDADES

CONSELHO DE MÃE

(Continuado do número 28 e conclusão).

Ainda que fiques pobre e enfim nada te reste,
Não cases por dinheiro; escuta, minha flor,
O amor—essa afeição puríssima e celeste,
Deve ser dado só em troca d'outro amor.

Anoitecera enfim. Nos arvores gigantes,
Os tristes rouxinões cantavam na devesa
Os preceitos ideais, sublimes, deslumbrantes
Da bíblia colossal chamada— Natureza.

E nos plainos do Azul, a lua, essa *coquette*
A quem servia o céu inteiro de *boudoir*,
Completava a sorrir, a olimpica *toilette*,
Mirando-se no espelho esplendido do mar!

Nesse tempo feliz era eu uma criança,
Mas tal magua senti, quando isto sucedeu
Que ainda agora conservo a minha lembrança
Dêsse conselho bom, que minha Mãe me deu!

E hoje, que ela não vive, hoje que se finou
Esse anjo, e nunca mais hei-de tornar a vê-lo,
Recordando-me, então, do bem que me ensinou,
E tomando-a, afinal, por tipo e por modelo,

Busco, no mundo ideal em que a minh'alma habita,
Uma Noiva que, a mim, me compreenda bem
E seja tão gentil, tão boa e tão bonita,
Como era minha Mãe!...

1886

Eça de Almeida

NOTA ALEGRE

O CAROÇO

Em uma escola primária,
O professor.—Se de um número inteiro,
eu tirar, um depois outro, os quatro quartos,
o que resta?

Silêncio absoluto em todas as bancadas.
O professor—já vejo, que não entenderam
a pergunta. Eu me explico melhor: aqui está
um pécego. Corto-o em quatro partes.

Como uma, depois, a segunda; depois a
terceira; depois a quarta. O que resta?

A aula toda em côro:—O Carôço!...

Um conselho por semana

TINTA DE ANILINA INALTERÁVEL

Junta-se a uma mistura de 60 gotas de
ácido chlorídrico concentrado e 24 gramas
de álcool, 4 gramas de negro de anilina, ob-
tendo-se um líquido azul intenso, que se jun-
ta a 100 gramas de água, contendo em diso-
lução 6 gramas de goma arábica. Esta tinta
não ataca as penas, resiste às lixívias e á acção
dos ácidos minerais concentrados.

Secção charadística

ENIGMA

Ao bom amigo Sr. Manuel Tinoco de Far'a.

Após Tinoco pai Tinoco filho
Seguam de Lanhoso para Braga,
Em vista tendo a compra d'algum milho,
O qual por bom dinheiro ora se paga.

Seguindo ambos indo o mesmo trilho.
Que a custo o pé humano agora traga;
Depara-lhes o acaso um empecilho
Que o plano dos Tinocos logo estraga.

Em pleno coração dos dois Tinocos
Um frade também vindo em companhia,
Entende abandonar os companheiros.

Patife! Merícia um par de sócos,
Porquanto, os transformou tal picardia,
Em um dos pssarinhos brasileiros

Lebricho

CHARADAS

EM VERSO

Sofre de tosse convulsa—3
O felino animalajo.—2
D'umahistória tão insulsa
Resulta um *praxe* do Tejo.

H. Raio

Este "homem", tão conhecido—2
É tido por *excelente*.—2
Stá de todo resolvido
A casar c'uma parente...
Dar-lhe o nome prometido.

L. Heltor

EM FRASE

Os diabos dos professores, até em letras repro-
varam este "homem".—2—1—1
Faça cerco no fogo, "mulher", não se importe
com a outra "mulher".—2—2
Sujeite-se á sorte, até mesmo ao *ladíbrio*.—2—1

H. Ramos

SINCOPADAS

(por sílabas)

3— Morreu-me em casa um *tanfasno*,
Oh, que grande desventura!
Rejubilou o meu asno
Quando o viu na *sepultura*.—2

Lebricho

3— Quem cuida d'esta *ave*, tira *proveito*.—2
3— Em *caminho estreito*, não cabe grande *velcu-*
lo—2

H. Reis

AUMENTATIVA

E' preciso *termo* pôr
A tanta necessidade,
E por, Deus Nosso Senhor,
Reprimir a *obscuridade*.—3

Fata de *palanque* e com toda a *pompa*—3

Miss Iva

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

O facto de usar a *Lia*
Camisa com *punhos* de homem,
E' n'ela uma teimosia,
Por doida, pois, não a tomem.

Lebricho

ENIGMA TIPOGRAFICO



(8 letras)

Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no nú-
mero 27, são: Marémetro, Taca-maca, Pandemônio,
Amorosa, Opala, Amália, Còdea-Còda, Acanga-aga,
E'dulo-elo, Agulha-agulhão, Temudo, Aveiro e Des-
coroado.

Lebricho.

Uma resposta

— Olândio Basto declarava, numa roda
de várias pessoas que era avêso a qual-
quer *libré*—e se formára sem nunca haver
pôsto capa e batina.

Uma das pessoas presentes, abelhuda
por temperamento, comentou:

— Ora, ora...quem nunca pôs capa e
batina, nunca foi estudante.

Ao que logo retorquiu Olândio Basto:

— Pois, aposto que você nunca pôs uma
albarda, e no entanto...é burro desde que
nasceu.

Questões da actualidade

A falta de educação

Há um grande mal, que é preciso reme-
diar, uma grande necessidade que é preciso
atender, uma obrigação que é preciso cum-
prir, a que todos estamos sujeitos, perante
Deus e a sociedade. Esse mal é a falta de
educação, a grande necessidade de hoje co-
mo de todos os tempos. Todos estamos obri-
gados a educar, com a palavra e com o exem-
plo. Diz o adágio e é bem certo, que *ninguem*
nasce ensinado. Assim como nós tivemos quem
nos ensinasse, quem nos corrigisse os defeitos,
quem nos dissesse qual o dever e como de-
veria ser cumprido, assim também somos
obrigados a ministrar a educação aos que a
não teem, a corrigir os seus defeitos, a apor-
tar os seus erros, a edificá-los com o bom
exemplo. Por justiça, estão obrigados a esse
dever os pais, ou quem suas vezes fizer; por
caridade somos obrigados todos a esse dever,
qualquer que seja a idade, o sexo, a condi-
ção social, e o logar onde cada um de nós
se encontre.

Daqui é facil calcular a responsabilidade
de cada um, quando depreza o cumprimento
deste sacratíssimo dever. Não falta quem la-
mente os erros que por aí se descobrem, as
misérias que dia a dia se multiplicam. Pois
batamos no peito, confessemos a nossa cul-
pa, porque talvez a nossa consciencia nos
acuse da maior ou menor responsabilidade na
existencia desses erros e misérias, na falta de
educação que se nota por todas as camadas
sociais. A maior culpa e por isso a maior
responsabilidade cabe sem dúvida aos pais
que não tratam a sério, não só da educação
física mas sobretudo da educação moral das
crianças, desprezando a educação religiosa
de seus filhos, deixando-os ao abandono por
essas ruas e praças, à mercê de todas as
companhias, a respirar a atmosfera tão cor-
rompida dos nossos dias; que não tratem de
indagar dos sentimentos e orientação das pes-
soas ou famílias, a quem entregam os filhos,
para aprenderem um modo de vida; que lhes
dão toda a liberdade de dia e de noite, e so-
bretudo dão o mau exemplo duma linguagem
desbrizada, licenciosa, duma vida, estendal
de misérias. Responsabilidade teem os escri-
tores mercenários, todos os agentes da má
imprensa, que vai a toda a parte, que pene-
tra em todos os lares. Responsabilidade a
daquêles que fazem do teatro, do cinema, da
casa de espetáculos, um negócio, a render o
mais possível, a preço de todas as baixezas,
até do incitamento ao crime, quando a casa
de espectáculos deveria ser uma escola de
educação, embora recreativa, de passa-tempo
honesto, divertido. Responsabilidade teem na
enfim... todos aquêles que, maliciosamente
ou por desleixo, preguiça ou criminosa igno-
rancia, deixam de cumprir o seu dever, como
cristãos e como cidadãos.

Lembrêmo-nos todos de que um dia have-
mos de comparecer na presença do Juiz Su-
premo que tudo vê, que tudo e a todos co-
nhece, que nada e a ninguém esquece, que
nos hade julgar do mal que fizemos e do
bem que deixamos de fazer. Esse julgamen-
to será o último, em ultima instância, sem
apelação possível. Tratemos pois de remediar
o mal passado, façamos por prevenir o julga-
mento futuro. Eduquemos com a palavra e
com o exemplo.

SILVIO.

**Auxillar a Boa Imprensa
é o dever de todos
os católicos
sinceros**

Projecto de reconstrução do antigo Paço dos Condes de Barcelos

(Continuação da 1.ª página)

O distincto architecto aproveita tudo o que existe e vai aditando as ruínas segundo o plano primitivo, não lhe deterpando o caracter artistico e cunho da epoca.

A parte voltada ao rio (lado nascente) forma uma fachada quebrada por dois angulos reentrantes, deixando intacta, ao centro, a porta ogival que ainda perdura.

O corpo mais saliente d'esta fachada, assenta na actual muralha, abrindo, no primeiro pavimento, uma deliciosa escada, ladeada de peitoris, que põe um belo realce em todo o conjunto.

Do lado do sul ficam no andar nobre tres peitoris e a chaminé completa.

Do lado poente, a fachada quebra-se em angulo recto, tendo o primeiro corpo duas portas ogivais e uma outra com coberta muito elegante; e no andar nobre curiosos peitoris.

Do lado norte tem porta ogival e forma o seu conjunto um curioso effeito que ligado á porta nascente dá ideia d'um bonito chalet.

E os telhados em agulha, no estilo do da Senhora da Ponte, com varias grimpas nos seus vertices, completam o aspecto venerando que convinha ao edificio.

Enfim, podemos afirmar que esta obra perfeita e que trará o mais unânime aplauso á digna verreação que se propõe executá-la.

Fra Casil.

BARCELOS ANTIGO

I

O POYO

(POR A. FERRAZ — EM 1909)

(Transcrição)

Este antigo bairro barcelense, chamado hoje *largo do Apoio*, teve primitivamente o nome de *Poyo* ou *Poio*.

É pelo menos com esta designação que o vemos mencionado em muitos documentos antigos, todos posteriores ao seculo XV; e, como teremos occasião de mostrar, esse devia ser, com effeito, o seu verdadeiro nome, porque o que actualmente tem—*Apoio*—é corruptela daquelle.

Por mais destoante e exquisito que o nome pareça, ninguem se arreceie de emprega-lo; é castiçamente portuguez, e depara-se-nos frequentemente, na toponymia de muitas das nossas povoações.

Até Lisboa, e mais é a nossa linda capital, assim denominava, no seculo XV, e não sabemos se actualmente, uma das suas ruas ou largos.

«A judiaria (de Lisboa) foi roubada desde a porta que dava para o paço da Fotea até ao Poyo...» (os judeus em Portugal pelo Dr. Mendes dos Remedios, pag. 231).

Até 1631, o Poyo era uma pequena rua, entre as da *Misericordia* e da *Esperança*, e quasi no seu prolongamento; nesse ano, porém, a Camara Municipal, fazendo a expropriação de uns pardiros que ficavam a nascente (casas que ao Poyo estão cahidas e derubadas—diz a acta da sessão de 8 de julho de 1631), conseguiu transformar a rua em um pequeno largo, no centro do qual mandou levantar o chafariz que ainda hoje aí se vê.

Pequeno e modesto como é, este largo teve, contudo, a sua epoca de esplendor.

Talvez que muitos barcelenses ao passarem hoje no Poyo, nem suspeitem sequer que, em tempos já bem distantes, foi um dos bairros mais populares e importantes de Barcelos!

Pois foi, não ha duvida.

Situado no ponto mais central da antiga vila, era ali que diariamente se fazia o mercado de hortaliça, frutas e peixe, mercado que, por ser já pequeno para a população que o frequentava, a Camara transferiu para fóra da Porta do Vale, em 12 de Agosto de 1830.

Aí ficava, tambem, a cadeia deste grande concelho e comarca, hoje transformada em habitação particular, mas conservando ainda, nas linhas principais, o seu aspecto medieval.

E, finalmente, era no Poyo que desembocavam algumas das mais concorridas ruas do velho Barcelos, como as da *Esperança*, da *Çapataria* e da *Traparia* ou *Triparia*, como tambem temos lido em alguns documentos; as ruas dos *Açougues* e *Mercadores*—que foram os dois principais centros comerciais da povoação, e de *St.ª Maria* depois chamada da *Misericordia*, tambem muito importante, não só por ficar aí o antigo hospital de Barcelos, que el-rei

D. Manuel reformou e ampliou, quando em 1518, entregou a sua administração à Irmandade da *Misericordia*, nesse ano aqui instituída mas até por estabelecer comunicação directa entre a *praça do Poyo* e a da *Picóta* ou do *Pelourinho* (hoje praça Municipal), onde se fazia o mercado de pão e cereais.

Devido a este conjunto de circunstancias, o largo de que nos occupamos foi, como dissemos, muito populoso e notável.

Mas desse bulicio e dessa grandesa de outros tempos, o que resta hoje?

Apenas um modesto e pacifico largo, que, pela feição acentuadamente vetusta de alguns edificios que o circundam, é indubitavelmente um dos trechos barcelenses mais caracteristicos.

E que de assuntos tentadores e sugestivos nos oferece para longas e profundas lucubrações!

Numa casa de mesquinha apparencia mas brazonada, no começo da rua dos *Açougues*, as tradições e o nome illustre do santo condestavel Nun'Alvares—o mais autentico heroe das nossas glorias militares, a cuja espada vencedora deveu Portugal a sua independencia, e o fundador de uma opulenta e poderosa familia, que, pelas alianças em que se difundiu, se aparentou com as primeiras estirpes soberanas da Europa.

Defronte desta, mas na proxima rua do *Visconde de Leiria* (antiga rua da *Çapataria*) outra casa, tambem brazonada, que pertenceu a uma das familias mais antigas de Barcelos—os Goes Regos, de que procedem homens illustres, como o denodado e valoroso *alferes barcelense*, Gaspar de Gois do Rego, comendador de *St.ª Olaya* e alferes da bandeira do Duque de Bragança em Alcacer Quibir, onde gloriosamente perdeu a vida.

A casa dos Costas Chaves, senhores do Morgado de S. Francisco, familia igualmente illustre e de que procedem entre outros Fernão da Costa Chaves, o fundador da formosa capela de S. Francisco, na antiga rua dos *Mercadores* e secretario do Duque de Bragança D. Fernando, o desventurado decapitado de Evora; Gil da Costa Chaves, capelão de el-rei e 3.º D. Prior da nossa extinta collegiada e Francisco Pinheiro de Carvalho, licenciado em Canones pela Universidade de Salamanca e amigo dedicado de el-rei D. João IV, como vemos de algumas cartas que de Vila Viçosa, Montemor e Almada o mesmo rei lhe escreveu em 1639 e cujos autografos possuímos.

Quasi no extremo norte da *Misericordia*, a casa dos Cicios Cogominhos, outra familia barcelense muito distincta, a que pertenceram o bispo de Martyri, D. Francisco de *St.ª Maria*, e seu irmão Cristovam Cogominho de Faria, conego arcepreste da Sé de Braga e guarda-amór da Torre do Tombo, dois barcelenses illustres que se perderam por entrarem na conjuração tramada e dirigida pelo trizmente celebre arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos de Noronha, seu parente, contra a vida de el-rei D. João IV.

E, finalmente, a casa dos Brandões Gayos, na rua dos *Açougues*, a cuja familia pertencia e representava o nosso malogrado amigo, distincto e brioso official da nossa marinha de guerra, João de Faria Machado Roby, morto na primeira campanha contra os cuamatás.

—Tanta coisa num largo tão pequeno como é o *Poyo*?—perguntará o leitor maravilhado de tantas glorias passadas.

—Certamente; e ainda não dissemos tudo.

Para os que se impõem a improba mas compensadora tarefa de prescutar as gloriosas tradições desta por tantos titulos notavel vila, o largo do *Poyo* é um pequeno *Jasaphat* todo povoado de fantasmas historicos.

(Continua.)

Fra Casil.

RECORDANDO O PASSADO

1899

Fevereiro— Foi nomeado Bispo do Porto D. António Barroso, então Bispo de Meliapor.

Julho—Roma 8 de Julho—Entre as muitas graças e privilégios que Sua Santidade concedeu ao Rev.º Sr. D. António Barroso, Bispo do Porto, ha a da concessão do uso da barba toda, como penhor e lembrança da sua vida de missionário e relevantes serviços prestados á causa católica.

É bem justa a graça, muito especial e espontanea. Sua Santidade disse: «*Sim; ele será sempre o meu Barroso.*»

(Do correspondente do «Comércio do Porto»)

Agosto— No dia 3 organizou-se n'esta villa um comboio especial que conduziu milhares de pessoas que foram assistir á entrada de D. António Barroso na cidade do Porto, aonde foi colocado como Prelado.

O Bispo D. António Barroso, nasceu na freguesia de Remelhe d'este concelho em 5 de Novembro de 1854 e não em 5 de Novembro de 1834, como erradamente se disse n'este jornal em 25 de Junho do corrente ano.

Este saudoso Bispo (que todos tomam como Santo) faleceu em 31 de Agosto de 1918, achando-se sepultado em jazigo próprio na sua terra natal.

(Continua.)